

Protecionismo de ricos ressuscita mercantilismo

A onda de protecionismo crescente nos países industrializados está levando a economia mundial a retroceder na história, voltando a era do mercantilismo, quando as nações só se preocupavam em entesourar ouro. Do século XV ao XVIII, segundo o pensamento econômico dominante na época, o ideal para qualquer país era ser auto-suficiente em quase todos os produtos (a autarquia) e, ao mesmo tempo, exportar o máximo. Para alcançar esses objetivos, as nações mais poderosas procuravam conquistar novas terras e colônias, em busca de ouro e mercadorias facilmente exportáveis.

No século XVIII, o escocês Adam Smith provocou uma revolução no pensamento econômico ao combater o mercantilismo com a teoria de que os países deveriam trocar o que pudessem em mercadorias, concentrando sua produção interna naquelas em que obtivessem maior "vantagem". Adam Smith viveu de 1723 a 1790 e trabalhou durante quase doze anos em sua única obra, "A riqueza das nações", editada pela primeira vez em 1776, há 208 anos, ainda hoje o mais importante livro do pensamento econômico liberal.

Abertura da economia

As idéias de Adam Smith tiveram grande impacto na Inglaterra e em toda a Europa e certamente contribuíram para que as economias se abrissem para o exterior. Em "A riqueza das nações", Adam Smith defendeu um comércio internacional completamente livre e garantiu que as economias somente encontrariam seu equilíbrio à medida que se abrissem para mercado externo.

Cada país iria, assim, se concentrar na produção das mercadorias em que tivessem maior vantagem, de acordo com as características nacionais (recursos naturais, abundância de terras etc). Mas o próprio Adam Smith admitiu em seu trabalho que as nações teriam de fazer alguma exceções e produzir mercadorias essenciais à sua segurança (armamentos, navios).

Também as áreas de produção empregadoras de muita mão-de-obra foram incluídas nas exceções. Hoje, setores como os de energia e informática, considerados vitais para a segurança nacional, sem dúvida estariam nessas exceções de Smith.

As vantagens comparativas

O inglês David Ricardo desenvolveu o pensamento de Adam Smith, afirmando que, ao invés de "vantagens absolutas", as nações deveriam concentrar seus esforços na produção das mercadorias em que obtivessem maior "vantagem comparativa".

Para produzir um mesmo bem, por causa das diferenças tecnológicas e facilidades de exploração de matérias-primas, cada país tem de empregar quantidades diferentes de capital e trabalho. O valor de um bem econômico é medido, segundo Ricardo, pelo volume de outras mercadorias pela qual possa ser trocado. Este valor, por sua vez, depende da quantidade relativa de trabalho empregada para se produzir o bem.

Em seu livro **Princípios de economia política e tributação**, editado em 1817, Ricardo lançou a teoria das "vantagens comparativas" e até o final do século XIX foi esse pensamento que predominou na economia mundial. A partir de então, as medidas protecionistas se multiplicaram em todo o mundo.

Ricardo polemizou muito com outro economista inglês importante, Thomas Malthus, que se notabilizou por suas teorias sobre a queda da produção de alimentos e o crescimento populacional, explosivo. Malthus, que passou a vida preocupado com os rendimentos decrescentes da terra, também achava que o comércio internacional poderia exercer um papel fundamental para romper o ciclo da pobreza. Dizia ele que a economia se dividia em dois setores, agricultura e indústria, e que um era mercado do outro. Assim, em um país pobre, a indústria era limitada pela pobreza do setor agrícola. E a

agricultura, por sua vez, não crescia por falta de mercado na indústria.

As teorias de Malthus parecem atuais não só no que se refere ao crescimento populacional nos países subdesenvolvidos, como também na parte relativa ao comércio exterior. Ao insistirem em medidas protecionistas, os países ricos somente vão perpetuar a pobreza das economias do mundo subdesenvolvido, que tem muitas dificuldades para romper o ciclo com suas próprias forças.

Keynes tinha medo

Ao contrário dos economistas clássicos, o inglês John Maynard Keynes, pai da macroeconomia moderna, tinha medo do crescimento desordenado do comércio exterior. Sob o impacto do final da I Guerra Mundial, Keynes — que participou das negociações do Tratado de Versalhes, em 1918 — criticava o fato de as grandes nações terem, por muito tempo, jogado todos seus esforços na conquista de mercados externos como alternativa para evitar crises cíclicas em suas economias (o neomercantilismo).

Como garantir vendas havia se tornado uma questão de sobrevivência econômica para muitas dessas nações, a paz mundial vivia permanentemente ameaçada. Por isso, Keynes defendia um papel de complementaridade no comércio exterior.

Houve uma nova guerra, e Keynes novamente teve que representar seu país na mesa de negociações, desta vez em Bretton Woods, em 1944, para estabelecer as normas que iriam reger dali por diante o sistema monetário internacional.

Keynes morreu em 1946, e da mesma maneira que as "vantagens absolutas" de Adam Smith, as "vantagens comparativas" de David Ricardo e o "ciclo da pobreza" de Thomas Malthus, suas teorias acabaram sendo vencidas pelo mercantilismo atual, o protecionismo.

GEORGE VIDOR